

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR MISTA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Prof^a Silvia Isete Trevisan¹
Prof^a Dr^a Mara Rubia Antunes²

RESUMO

Nos últimos anos, a Educação Física vem passando por mudanças significativas. Em escolas, durante as aulas, os alunos são separados por gênero e, muitas vezes, a turma que o professor assume é do mesmo sexo. Porém, existe uma proposta no Colégio Marista Santa Maria, onde as aulas são ministradas para turmas mistas, mantendo a mesma formação das aulas de outras disciplinas. Tendo como cenário a proposta do Colégio, o objetivo desta pesquisa foi analisar a Educação Física escolar mista, a partir de entrevistas com professores de Educação Física, com um grupo de alunos e com as coordenações/orientações pedagógicas. Os dados apontam, entre outros aspectos, que as aulas mistas são recomendadas, pois possibilitam maior aproximação, cooperação e troca de experiências.

Palavras chaves: Educação Física; Escola; Aula Mista; Colégio Marista.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação Física, principalmente na década de 80, passou por uma profunda crise de identidade, originando mudanças significativas nas políticas educacionais. Segundo Medina (apud Fensterseifer, 2001), a Educação Física precisaria entrar em crise com urgência, questionar criticamente seus valores e ser capaz de justificar-se, buscando uma identidade própria.

O Colégio Marista Santa Maria, cenário onde foi realizada esta pesquisa³, também passou por muitas mudanças nos últimos anos. Até o final de 1996, as

¹ Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Santa Maria - Professora de Educação Física do Colégio Marista Santa Maria.

² Doutora em Motricidade Humana pela Faculdade de Motricidade Humana/UTL/Lisboa – Professora na Universidade Federal de Santa Maria e Orientadora no Curso de Especialização em Educação Física Escolar.

aulas de Educação Física eram ministradas de forma separada. Cada série havia duas turmas: uma de meninos e uma de meninas. Para os meninos, era designado um professor e para as meninas uma professora.

No ano de 1997, foi implantado um novo projeto. A Educação Física tornou-se obrigatória para todos os alunos da escola no turno inverso das demais disciplinas. Em 2002, foi montado o sistema de clubes, onde o aluno poderia optar pelas aulas de Educação Física, por uma equipe ou pelos clubes esportivos. A partir de 2005, a Educação Física passou por nova reestruturação. As aulas passaram para o mesmo turno das demais disciplinas, permanecendo a mesma formação de turma da sala de aula, ou seja, as aulas passaram a ser mistas.

A realidade de muitas escolas, porém, ainda é diferente do Colégio Marista. Em relação à formação e distribuição de turmas, qualquer que seja a disciplina e série, os alunos assistem às aulas juntos, ou seja, as turmas são formadas por meninos e meninas. No entanto, quando chega a hora da aula de Educação Física, os alunos são separados por gênero. Assim sendo, em muitas escolas, a Educação Física é ainda a única disciplina do currículo escolar que separa meninos e meninas, afetando também os professores.

Em relação à formação de turmas para as aulas de Educação Física, autores, como Freire (1989), apóiam a idéia de turmas mistas, as mesmas que são constituídas para as demais disciplinas. Para Abreu (1990), há coerência na separação dos sexos nas aulas de Educação Física se esta for tecnicista, pois o objetivo visado seria apenas a performance. Com este mesmo pensamento, Saraiva (1999) declara que a separação dos alunos é vista a partir da corrente tradicionalista da Educação Física, baseada no pensamento positivista, que tem construído uma

³ Esta pesquisa foi realizada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Educação Física Escolar, no CEFD/UFSM, em setembro de 2007.

imagem de homem e sociedade atrelada aos princípios de rendimento, da produtividade, da concorrência, entre outros.

Após muitos estudos e experiências no Colégio Marista Santa Maria, quanto a formação e distribuição das turmas para as aulas de Educação Física, surgiu o interesse de analisar as aulas de Educação Física mista, a partir das vivências pedagógicas de vários setores e grupos da escola, dentre eles, os próprios alunos, os professores de Educação Física e as coordenações/orientações pedagógicas.

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário, adaptado para a faixa etária dos entrevistados, e embasado em Abreu (1990). Para a validação dos resultados, foram utilizadas a triangulação e a relativização dos dados.

A partir destes procedimentos foram obtidos os resultados que foram descritos em categorias, geradas a partir dos setores pesquisados. Estas categorias, bem como as discussões compõem o que segue.

EDUCAÇÃO FÍSICA MISTA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Categoria I

Alunos: Cooperação e fortalecimento da integração social na aula de Educação Física mista.

Os sujeitos pesquisados foram 31 alunos da sétima série (turma 71) do Ensino Fundamental do Colégio Marista Santa Maria, por ser uma turma intermediária do ensino fundamental - séries finais. Foram aplicadas perguntas relativas à percepção da Educação Física, disposição durante as atividades e a concepção de gênero.

No que se refere à percepção acerca da Educação Física, os alunos afirmaram que nas aulas mistas eles presenciam *coisas legais*⁴ como integração social, aulas mais animadas e troca de experiência. Acreditamos que as manifestações dos alunos estão relacionadas ao fato de haver, nas aulas de Educação Física mista, um maior envolvimento, reforçando as relações interpessoais que ocorrem na sala de aula.

A Educação Física, sendo mista, estimula a aproximação entre colegas e a cooperação no momento da prática, sendo possível de ser observado principalmente nas atividades esportivas (jogo) e recreativas em que, muitas vezes em função do conhecimento individual, existe uma melhor aceitação e assimilação dos colegas. Isso, inclusive, é reforçado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1997), em sendo a Educação Física mista, ela pode dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias.

Por outro lado, quando os alunos analisam as *coisas chatas* nas aulas mistas, manifestam-se dizendo que há interesses diferentes nas atividades; que há muita bagunça; alguns se acham melhores e desviam a concentração dos demais. No entanto, por acreditarmos que não existe unanimidade em *coisas legais e coisas chatas*, entendemos que, aos poucos, essa concepção das *coisas chatas* será assimilada pelos alunos e modificada, uma vez que, até então, no imaginário das aulas de Educação Física, interesses masculinos e femininos seriam distintos.

Por atuar diretamente com a sétima série como professora de Educação Física, o que pude observar nas aulas, é a opção de muitos meninos pelo futebol,

⁴ Os termos “coisas chatas e coisas legais” foram baseados no vocabulário empregado por Abreu (1990).

sem a presença das meninas, onde possam jogar com todo o vigor que acreditam ser deles próprio. Para Badinter (1993), nos esportes que envolvem competição, a agressão e a violência são consideradas como a melhor iniciação à virilidade. De certa maneira, as meninas se sentem inferiorizadas pelo domínio masculino, principalmente nas modalidades esportivas.

Para Anastasi (1967), nos meninos é notável uma maior agressividade em relação às meninas, característica esta que se deve, em parte, à cultura e, em outra, aos hormônios masculinos, superando as meninas em força muscular, rapidez e coordenação. Isso tudo leva a crer na maneira como as meninas se sentem em relação aos meninos de acreditarem que eles se “*acham*”, pois nessas situações, eles se destacam.

Abreu (1990) relata que mesmo quando as meninas tentam ocupar seu espaço nas aulas, estão conscientes do seu nível de sucesso nas habilidades esportivas e por isso, mencionam a palavra aprender, enquanto os meninos entendem que aula de Educação Física é para quem já sabe, para melhorar as experiências motoras.

Em relação aos problemas nas aulas mistas, o número de alunos impedidos pelos colegas de fazer algo que quisessem, foi insignificante, reforçando a grande união da turma e o respeito das opiniões dos próprios colegas.

Quanto à disposição dos alunos em relação à Educação Física, todos manifestaram gosto pelas aulas. Acreditamos, assim, que eles interessam-se em participar das aulas de Educação Física pelos conteúdos da disciplina e pelo modo o qual os mesmos são desenvolvidos. Segundo Costa (1987), a Educação Física utiliza em sua prática um esporte cujas regras, materiais e locais são adaptadas às habilidades, capacidades e possibilidades dos alunos, um esporte onde predomina o

caráter lúdico, a espontaneidade e poder de iniciativa. Como este tipo de esporte não é competitivo, não elimina os menos dotados.

Porém, algumas atividades ainda deixam os alunos inibidos, como por exemplo, a pouca habilidade com os esportes, para a maioria das meninas e minoria dos meninos, nas atividades em duplas com o sexo oposto. Para Abreu (1993, apud Miranda, 1999), a falta de habilidade das meninas origina-se pela falta de prática, que, por sua vez, deve-se a fatores culturais, tais como brincadeiras infantis, divisão de tarefas em casa, desinteresse e falta de estímulo da família à menina a práticas de atividades mais ativas, com também reforço da mídia e influência formal e informal. O medo de errar também inibe alguns alunos.

Os alunos pesquisados disseram que se pudessem optar nas atividades práticas, optariam por trabalhar com grupos mistos, o que nos leva a crer que os trabalhos de conscientização feitos durante as aulas estão surtindo efeito positivo. Isso vem reforçar um objetivo pedagógico confirmado por Brodtmann e Kugelmann (apud Saraiva, 1999) para quem a capacitação a uma prática conjunta pode contribuir para a estabilização de certos grupos sexualmente heterogêneos, nos quais meninas e meninos, mulheres e homens possam melhor se relacionar tanto privada como profissionalmente.

Com relação ao gênero do professor, na hora da aula prática, para a maioria dos alunos isso não interfere. Para alguns, no entanto, o gênero feminino tem preferência. A partir das respostas dos alunos, percebemos que há uma aproximação entre a profissão professora e um instinto maternal. Esse discurso perpetuado pelos alunos é ratificado pelas palavras de Ismério (1995) que afirma que a mulher seria uma educadora por natureza, discurso também assimilado e difundido pelas intelectuais, que consideravam que realmente a tarefa de ensinar era

a grande missão feminina, sendo considerada uma educadora por natureza, a mulher poderia exercer a profissão de professora, orientando os alunos como se fossem seus próprios filhos.

Para os alunos, não há obstáculos que impeçam a prática de atividades esportivas durante aulas de Educação Física mista. Podemos deduzir, assim, a partir das respostas coletadas, que a Educação Física mista só tem contribuído para o envolvimento, desenvolvimento do aluno enquanto ser social, pois não vivemos isolados por sexo, mulheres de um lado, homens de outro.

Categoria II

Professores: o aspecto socializante da Educação Física mista.

Este grupo foi composto por cinco (5) professores de Educação Física do Colégio Marista Santa Maria, aos quais foram feitos questionamentos sobre os posicionamentos e procedimentos adotados durante as aulas de Educação Física, as vantagens e desvantagens percebidas com as aulas de Educação Física mista e a concepção de gênero.

Os posicionamentos e os procedimentos adotados pelos professores durante as aulas de Educação Física mista no Colégio são variados, mas todas as atitudes e ações estão centradas na importância e necessidade das aulas serem mistas. Em havendo a possibilidade de os meninos inibirem as meninas (ou vice-versa), por exemplo, os professores acreditam que o diálogo é um dos melhores meios para solucionar o problema. Quando percebem a formação de grupos separados por gênero, buscam alternativas para uni-los, como “jogos cooperativos e pré-desportivos”; “o desenvolvimento de atividades que exijam a formação de grupos

diferentes” e “principalmente mostrar os objetivos da Educação Física mista, da Educação Física escolar, como também salientar para os alunos que existem outros momentos para fazer atividades separadas por gênero”.

Para os professores, as aulas mistas oportunizam melhor relacionamento entre os alunos da turma e ajuda mútua nas atividades. Oliveira (1996), ratifica o entendimento dos professores do Colégio ao destacar que as turmas mistas propiciam um melhor preparo do indivíduo para a sua vida extra-escolar, na qual é inevitável o convívio com o sexo oposto, que muitas vezes é desigual e conflituoso pela falta de reflexão e entendimento a respeito do relacionamento humano.

Algumas desvantagens em relação às aulas mistas, no entanto, também são mencionadas pelos professores, entre elas, as diferenças no nível de habilidade. Esse pode dificultar o desenvolvimento de atividades, tendo em vista as habilidades motoras de meninos e meninas. Pode-se dizer que, em alguns esportes, como o futsal, por exemplo, essa diferença se destaca, pois os meninos o praticam desde cedo, ao contrário das meninas. Whithaker (1989), complementa ao destacar que fatores sociais fazem com que exista uma diferenciação nas brincadeiras dos meninos e meninas, pois, há estímulos que aguçam desde cedo, nos meninos, noções de espaço, direção e locomoção, havendo liberdade e aventura nos brinquedos e jogos considerados mais apropriados para os mesmos. Enquanto isso, as meninas ficam restritas a passar o tempo comportadamente arrumando panelinhas, num mundo já restrito, estático.

A inibição das (os) meninas (os), a dificuldade de se trabalhar atividades em duplas (colegas de sexo oposto) e a falta de atenção por parte de alunos são outros problemas que devem ser solucionados com o decorrer do tempo. Abreu (1990), constatou, que há um bloqueio por parte dos meninos em praticar atividades junto

com meninas, mas quando percebem que estas demonstram habilidade em executar alguma tarefa tida como masculina este incômodo desaparece, tornando a questão do sexo, irrelevante. A autora confirma este fato ao perceber que meninos que não demonstram habilidades motoras que satisfaçam o grupo são também discriminados, porém, mais tolerados pelos meninos com os erros desses do que com os erros das meninas.

Quando questionados sobre a concepção de gênero nas aulas de Educação Física, os professores mostraram preferência em trabalhar com turmas mistas. Justificam sua opção nas seguintes premissas: a) é bom trabalhar com as diferenças durante a aula; b) por acreditar que ambos os sexos devem trabalhar juntos; c) porque há maiores possibilidades de interação e integração; d) é mais interessante em termos de aprendizagem trabalhar com os dois gêneros juntos; e) acredito que as aulas de Educação Física são justamente para descobrir diferenças bem como conviver com as mesmas.

A dificuldade ou facilidade em trabalhar com turmas mistas depende da situação. Os professores mencionam que: a) “já tive experiências e não tive problemas, pois o importante é ter os objetivos bem claros”; b) “o trabalho a ser realizado é o mesmo, sendo as turmas mistas ou não”; c) “acredito que a proposta de aula é que fará a diferença”; d) “os alunos conseguem entender as diferenças entre eles, tanto comportamento como nas atitudes”; e) “não por causa dos gêneros, mas pela indiferença de alguns poucos”.

A partir do exposto, é oportuno citar Morin, (2000 apud Falkenbach, 2002), quando este afirma que o professor que vivencia e favorece a reunião e a convivência entre as diferenças é o que terá cada vez mais espaço na atividade docente, em

educação, pois as diferenças são partes integrantes da atividade pedagógica e do ato educativo. Educar o ser humano é ajudá-lo a conviver entre as diferenças.

Com relação a possíveis queixas das aulas de Educação Física ser mista, por parte dos pais dos alunos, os professores acreditam que isso se deve ao “costume”; “mas já vi comentários de pais, falando que, no tempo deles, não era misto, e era muito melhor a Educação Física tradicional”. Acreditam os professores que, em função dos “esclarecimentos sobre a proposta” da aula, é que as queixas praticamente inexistem.

Os depoimentos do professores ratificam a posição dos alunos quanto às aulas serem mistas. Para os dois grupos não há questões que prejudiquem ou interfiram no bom andamento delas. Pelas análises, os professores demonstraram, inclusive, preferência por esse tipo de trabalho.

Categoria III

Coordenadores e orientadores pedagógicos: Socialização e integração nas aulas mistas.

Este grupo é composto de seis (6) coordenadores/orientadores pedagógicos, responsáveis pelo acompanhamento e orientação das atividades técnico-pedagógicas, nos planos de estudo e regimento escolar. A esses profissionais foram feitos questionamentos sobre a percepção da Educação Física mista no Colégio, percepção da Educação Física pelos pais e pelos alunos. Quando se propõem mudanças, pessoas que estão do lado de fora da sala de aula, têm outras percepções e opiniões em relação a aqueles que estão diariamente em contato com os alunos, por isso a opção de contar com estes professores nesta pesquisa.

Para o grupo, as aulas de Educação Física mista apresentam apenas pontos positivos. Alguns argumentos apresentados por eles ratificam respostas dadas por alunos e professores, mas acrescentam que a Educação Física “proporciona a convivência das diferenças bem próximas (contato físico) que existem entre o sexo masculino e feminino quanto às características que são próprias do ser homem e ser mulher”. Acreditam também que as aulas mistas “facilitam na integração entre meninos e meninas”, “melhora a relação dos alunos em sala de aula, com menos conflitos” e beneficia “a socialização, independente do sexo”.

Destacaram também a importância de poder contar com diferentes capacidades neste contexto. “A proposta de trabalho do professor traz valores como a criticidade, o respeito às diferenças, o trabalho em equipe, a competição consigo mesmo e não com as capacidades do outro (esporte)”. As aulas mistas proporcionam “uma visão de Educação Física mais ampla (a corporeidade) e não somente um olhar para o esporte”.

Quanto à opinião dos pais em relação às aulas mistas, os coordenadores/orientadores pedagógicos afirmaram que não há queixas, mas se houvessem adotariam os seguintes procedimentos: “ouviriam os pais e argumentariam por estarem convictos da idéia”; “convidariam o professor de Educação Física para fazer relatos sobre as dinâmicas das aulas que oferecem oportunidades de práticas para o desenvolvimento das capacidades motoras/intelectuais como um todo”. Os entrevistados encaminhariam as situações ocorridas aos setores responsáveis, mas ratificam que não concordam que turmas mistas sejam um problema. A idéia é passar aos pais que turmas mistas nas aulas de Educação Física, entre outros, tem por objetivo atingir todas as dimensões do ser humano, envolvidas através de prática corporal, o cultivo da solidariedade, da

liderança, da afetividade e da sexualidade que se fortalece ainda mais nas relações que se estabelece na presença de ambos os sexos.

No que diz respeito às conseqüências da Educação Física mista, nos alunos, os coordenadores/orientadores afirmaram que perceberam mudanças positivas em sala de aula, entre elas: a) “melhora nas relações”; b) “eles ficam mais a vontade uns com os outros”; c) “mostram-se calmos no final da aula”; d) “convivência tranqüila, sem discriminação, ratificando o que é proposto em sala de aula”; e) “as relações interpessoais se tornam mais fraternas porque a aproximação física leva a uma maior compreensão e afetividade por parte dos meninos com relação às meninas e vice-versa”.

Ao analisarmos as respostas dos coordenadores/orientadores podemos perceber que o fato de a Educação Física ser mista propicia uma melhoria nas relações entre os alunos, favorecendo a socialização entre os mesmos, não só na aula de Educação Física, mas em todas as demais disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aulas mistas de Educação Física contribuem positivamente para todo o contexto escolar. São importantes também porque possibilitam a aproximação, a cooperação, o fortalecimento da integração social dos alunos e a troca de experiência, tornando as aulas mais animadas. Este foi o resultado da pesquisa realizada no Colégio Marista Santa Maria no segundo semestre de 2007. Participaram da pesquisa 42 pessoas, sendo 31 alunos, 5 professores de Educação Física e 6 coordenadores/orientadores pedagógicos.

Os alunos gostam das aulas mistas, principalmente porque estas mantêm a mesma formação das demais disciplinas. Para a maioria dos alunos, nenhuma atividade na aula de Educação Física os deixam sem graça. Para os demais, algumas atividades os inibem, como a pouca habilidade com os esportes, atividades em duplas com o sexo oposto, o medo de errar e questões corporais. Com relação ao gênero do professor para trabalhar com as aulas mistas, todos afirmaram que o sexo não interfere na qualidade das aulas e nem no tipo de atividade.

Quanto aos professores, eles destacaram a importância do aspecto socializante, muito presente nas aulas de Educação Física mista, e fundamental na função desempenhada pelo professor. Ele deve interferir, incentivar e estimular a formação de grupos mistos, o trabalho em conjunto. Segundo Saraiva (1999), somente assim, poderão ser buscadas as igualdades de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos, fatores esses, necessários para a construção de relações iguais que podem impulsionar a transformação social. Outro aspecto que deve ser observado nas aulas mistas é a constante busca pelo diálogo entre os professores e alunos.

Para as coordenações/orientações pedagógicas, a Educação Física mista reforça a socialização, a integração e melhora as relações interpessoais. Ratificaram que as aulas mistas são vistas com bons olhos e que elas vem ao encontro da proposta pedagógica do Colégio, e que não há queixa por parte de pais ou de alunos.

Por fim, acreditamos que a proposta do Colégio Marista Santa Maria, em implantar a Educação Física no mesmo turno das demais disciplinas e permitir a mesma formação de turma da sala de aula, só tem contribuído positivamente. Professores, alunos e coordenadores/orientadores pedagógicos compartilham do

mesmo entendimento sobre a Educação Física mista: ela colabora para a socialização e o fortalecimento das relações pessoais.

Percebemos que a disciplina de Educação Física está no mesmo patamar de aceitação e importância das demais. Isso nos motiva, cada vez mais, aprimorar nosso conhecimento, aprofundar nossos questionamentos e desenvolvermos práticas escolares condizentes com a importância que a disciplina merece.

REFERÊNCIAS

ABREU, Neíse Gaudêncio. **“Meninos pra cá, meninas pra lá”**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho. 1990. (Dissertação de Mestrado em Educação Física).

ANASTASI, Anne. **Psicologia Diferencial**. São Paulo, Herder, 1967.

BADINTER, Elisabeth. **XY – Sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

COSTA, Vera Lúcia M. **Prática de Educação Física no 1º grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?** São Paulo, Ibrasa, 1987.

FALKENBACH, Atos Prinz. **A Educação Física na Escola: uma experiência como professor**. Lajeado: UNIVATES, 2002.

FENSTERSEIFER, Paulo. **A educação física na crise da modernidade**. Ijuí; Ed Unijuí, 2001.

FREIRE, João Batista. **Educação do corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**, São Paulo, Editora Scipione, 1989.

ISMÉRIO, Clarisse. **MULHER:** a moral e o imaginário: 1889-1930. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MIRANDA, Conceição de Maria C. **A separação de turmas por sexo nas aulas de Educação Física:** uma revisão de literatura. Brasília-DF, 1999, (Monografia de Especialização).

OLIVEIRA, Greice Kelly. **Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo?** Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais. Campinas-SP, 1996, (Dissertação de mestrado em Educação Física).

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e Esportes:** quando a diferença é um Mito. Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1999.

WHITAKER, Dulce. Mulher e Homem. **O mito da desigualdade.** São Paulo: Editora Moderna, 1989.